

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1242	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Junho de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

10.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes



RAIOS DE SOL ARDENTE — QUADRO DE CARLOS REIS — Adquirido pelo sr. Marquês de Foyal
Veja-se o artigo «Exposição de pintura do professor Carlos Reis»
(Cliché Coutinho)

CRONICA OCCIDENTAL

Ante os ultimos acontecimentos, um estrangeiro curioso e espirituoso assegurava que o português só é *notavelmente habil* no fabrico de mortiferos explosi-

vos... Ora, se num dos dias da ultima quinzena, em hora de socêgo e silencio, visitasse a nossa casa do parlamento, mais uma vez acaso confirmaria, de si para si, a sua estranha e maligna afirmação. Facilmente imputaria a efeitos funestos de petardo os grandes e horri-veis estragos de mobiliario ocasionados

em sessão tumultuaria dos illustres deputados.

Mas — caros senhores — não no acrediteis, por Deus! Tudo aquilo foi motivado por vistosa e inofensiva bicha-de-rabiar retorica — e as consequencias não serão de vasto alcance.

O fero lusiada sabe compensar com

proveito, no presente, a perda das qualidades que o distinguiam no passado. Tornou-se — como vamos vendo — para maravilhamento e gloria dos tempos modernos, um genial pirotécnico. Mais. E' ele proprio um prodigioso fogo-de-vistas ambulante. E' assim o criador da sua propria criatura. E' como um deus que se gerasse a si proprio. E' uma pirotécnica ambulante. Se por acaso puser rastilho de dinamite nas suas mais divertidas excogitações pirotécnicas — será ele certamente que primeiro irá em estilhaços pelo ar. A estranha observa-o diligentemente e acabará por encontrar-lhe motivos de inedita curiosidade. Perdido o pavôr panico que outr'ora lhe inspirava, vem aproximando-se dele, mais perto — mais perto, cada vez mais perto — cautamente, mansamente. . .

Afinal, a estranha ha de convencer-se de que toda a explosão provem de polvora sêca — e que é sempre o português que nela queima os dedos.

Haja em vista a comissão das Festas da Cidade de Lisboa, que ateiou tão delicioso fogo-presno no parque de Eduardo VII e fogo-do-ar tão esplendido sobre as aguas gloriosissimas do Tejo. . . Haja em vista a camara dos senhores deputados. . .

Se isto é a genuina expressão da verdade, que se poderá esperar da acção efectiva do estio esbraseador sobre este interessantissimo paiz de pés frescos e cabeças esturrinhadas? A furia heroica que caracteriza o animo português, eleva-se, exacerba-se até ao ultimo grau. As flamas que a roda do sol despede como flechas sobre este paiz, não o reduzem nem prendem nas suas cadeias caldeadas a fogo intenso. A labareda que se propaga em rastilho pelo ambiente, respira a com ofêgo e violencia o seu arcaboço possante, gira-lhe no sangue em ebulição, põi-lhe suores frios nos artelhos, sobe-lhe ao cerebro fumoso e rebenta-lhe em explosões roucas na garganta. As ultimas semanas parlamentares portuguesas sublinham á evidencia as nossas palavras. O espectáculo teve scenas sublimes — ou idiotas, se quizerem — e de surpreendentes efeitos. Dizem que o povo gostou e riu. . .

*

No dia 21 do mês decorrente gisou-se um leve esboço de comemoração do centenario da Batalha de Victoria. Na verdade, se o espirito português não estivesse já tão fatigado de festas e comemorações, promovida a proposito de tudo e a proposito de nada, seria este mais um motivo e uma ocasião propicia de panria e relaxamento oratorio. Assim, como assim, algo se realizou. Considerou-se festivo o dia em todo o exercito. Içaram-se pavilhões. Conferencias alusivas se promoveram. Os jornais demoraram sobre o facto comemorado, considerações mais ou menos extensas, mais ou menos entusiasticas. Fez se, como se julga do nosso estricto dever, a apoteose do genio português. . .

Chacinou mouros e romanos. Bateu hespanhois e francêses. Afugentou inglêses e holandêses. Se ainda não aniquilou o colosso germanico — é porque o espera de espreita, para maior gloria

e revindicta, lá em baixo, a uma esquina fronteira das nossas colonias. Esperem-lhe pelo baque. . .

Quanto ao francês — que foi agora mais directamente visado pelas nossas hiperboles verbais — a esse francês ousado e vaidoso — que toda a Europa devastou cruelmente a golpes fulminantes de sabre — nós os fizemos recuar, e mais e mais, para além dos muros de Victoria. E assim, quasi temos o desejo de chamar a nós toda a gloria da façanha. Se lembramos a figura titanica, monstruosa, de Napoleão, é para sublinharmos com arrogancia as suas elogiosas palavras, a proposito da Campanha de Austria: «Estou muito satisfeito com os vossos portugueses; bateram-se com galhardia e de certo na Europa não ha melhores soldados.» Neste ponto, o Conde da Ega, a quem estas palavras foram ditas, é amarrado a um pelourinho de ignominia e arrastado pela lama como fidalgo corrupto e pusilamine cretino. Se nos recordamos, neste momento, do comando sabio e energico de Wellington, é para citarmos com desvanecimento aquele trecho de texto oficial: «As tropas portuguesas romperam a marcha com uma firmeza e bravura que nunca se viram maiores em outra alguma ocasião.» Entretanto, não adivinhamos o motivo preciso por que não se fez, num proposito logico, referencia aos nunca assaz cantados feitos dos Doze de Inglaterra. . .

Aliás, com bôa vontade sempre se conseguiria. . .

Na verdade, só não comemora as glorias do passado, quem não tem no passado glorias.

E se hoje sorrimos com marôta ironia das palavras comemorações das nossas glorias, de certo choraremos de pesar no dia em que, nem ao menos as comemorarmos. . .

O passado é bem morto — não ha duvida.

Mas no momento em que a nossa imaginação calorosa o evoca, parece que das cinzas da noss'alma as sombras dos antepassados se erguem e revivem para nós seus dias de aventuras e triunfos. Sentimos no momento que deles e para eles vivemos.

Na hora em que nos desampararem, cairemos na estrada inanidos e cansados — e um tramway longinquo arrepanhará nossos despojos de tesouros e de almas.

*

E' sem duvida o genio que tem neste mundo o funestissimo privilegio da maior desventura. A cada passo se confirma este aforismo simples.

Daqui deriva a razão por que, nos tempos desiludidos que vão decorrendo, os nossos genios contemporâneos, apregoados com estrondo nos botequins e na almoeda dos jornais, já não apeteçem a gloria porvindora, mas, positivamente, manhosamente, encolhidos na aba da casaca dum politico em voga, esperam agarrar pelos cabelos, com unhas rapaces, a primeira ocasião propicia que transite.

Quando a ocasião aliciadamente se apresenta, de subito surgem de todos os lados mãos crispadas que a tentam ar-

rebatir e a luta entre os numerosos concorrentes, torna-se selvatica e pavorosa.

No entanto, alfim, sempre algum aproveitada com lucro.

Com effeito, o vento mau e rasteirinho que sopra da terra é para despertar e arripiar os rarissimos poetas que se quedam ainda na contemplação dum sonho purissimo de mocidade. E' ver como esse pobre e altissimo poeta — Gomes Leal — tem sido tão ignobilmente chasqueado e arrastado na ignominia duma subscrição publica vã. . . Não lembremos outros, nem lembremos mais.

Todavia, é curioso o espectáculo que se tem movido em volta de Camões, por estes meses, na capital do «beau pays de France» nessa gloriosa Paris que timbra de generosidade e espirito.

Fariseus e filisteus não satisfizeram só a gula de vê-lo morrer á mingua. Pí-sam-lhe os ossos com escarneo. Enlameando-lhe a vida, vilipendiam-lhe a morte. Em Lisboa, no dia da comemoração do seu centenario, agoiram-lhe a festa e a memoria. Em Paris, andam-lhe com o busto em bolandas de irrisão e em cortejo macabro vão-lho depositar «nas trazeiras dum Templo de Venus da mal-afamada rua de Montyon.»

Agora — dizem — vão-lhe erigir monumento maior e mais condigno. O conde de Andigné que foi o principal instigador do agravo á memoria do Poeta, apressou-se a dar a explicação do seu brutal procedimento e manifesta as suas simpatias á nação portuguesa, propondo simultaneamente a classificação da Avenida Camões e nessa avenida um lugar conveniente para a erecção do monumento devido.

A cidade de Paris — aventam — vai para esse fim subvencionar-se com mil francos.

Os jornais da nossa terra acataram com jubilo esta nova resolução e começam a subscrever-se com dinheiro largamente. . .

Que comedia triste se irá desenrolar ?!

*

Por estes dias abriu Manuel Gustavo a sua quinta exposição de faiança artistica das Caldas.

Fizemos uma visita ao seu pequeno e garrido atelier da antiga rua do Theouro Velho.

A impressão foi de todo o ponto agradável. Convencemo-nos de que esta arte tão graciosa e tão portuguesa se engrandece consoladoramente nas mãos delicadas e nervosas de Manuel Gustavo. As suas Terras-Cottas por vezes maravilham de suavidade e graça. No «San Francisco de Assis» uma ternura irresistivel e indefinivel e uma compassividade christã e envolvente exalam-se num-halo que ilumina o barro em chama purissima que não arde nem desaparece.

A figurinha da «Mofina Mendes» interpreta fielmente aquela graça popular e ingenua que Gil Vicente sabia comunicar as personagens da sua scena. O «Gomil dos Noivados» é perfeitamente detalhado e leve e gracioso na composição. «A Jarra das Sereias» encanta.

As suas «potiches» e «floreiras» são

Exposição de pintura do professor Carlos Reis

Ao circulo, aliás amplo, de seus particulares amigos, e nos trez ultimos dias da semana finda em 10 de maio expôs Carlos Reis no seu gabinete de trabalho, usemos do nome já consagrado, no seu *atelier* de pintura, no edificio da Escola de Bellas Artes, com outros trabalhos seus, já conhecidos, os mais recentes, e por ventura algum, senão exagero, com poucos dias de concluido.

E' limitado o numero de quadros que não excederá talvez a doze, sendo esse numero maior o de retratos, entre os quaes figura um de criação recente representando uma mulher nova, formosa, cheia de vida e de intenção, envolvida nas transparencias de uma alvissima mantilha, senão um amplo veo de renda, cujos lavores de bordado estão delicadamente reproduzidos. A transparencia do tule é de uma tão completa reproducção, da leveza do tecido se assim posso chamar-lhe, que, velando as carnes, com nitidez as revela. E o rosado vivo e mácio d'aquellas, que o vestuario de tom escuro deixava a descoberto, a manifestar-se em atenuações de côr. E' um retrato que prende atenções, desperta por ventura invejas e produz as serenidades de uma contemplação suave.

Como que escondido atraz do retrato de um velho advogado, que se ostenta condecorado com

a cruz da defunta ordem de Christo amplamente vestido com a sua toga, descobre-se um quadrinho minuscuro: um mendigo pedindo esmola á porta de um modesto casebre de aldeia, e tão modesto que nem se estaria á espera de um — *perdoe pelo amor de Deus* — se lá dentro não se presentisse a existencia de alguém. Obrigou-me a estacionar deante d'aquelle cantinho e a fitar com mais amor o pequeno quadro a coincidência de ter lido no proprio dia em um semanario da minha terra umas quatro bem rimadas quadrinhas que o Reis ali pintou sem as conhecer, ou que o poeta copiou do quadro sem o mesmo ter visto.

Já se vê que estou fazendo o relatorio de minhas impressões, pois que minha profissão de fé sobre pericia e competencia em arte de pintura ficou feita quando me abalancei a fallar do quadro *Geranios e Malvarosa* por occasião de ser exposto no salão do jardim de inverno do jornal *A Luta*, quadro que figura agora tambem n'esta exposição, a cuja causa occasional não posso deixar de me referir, ao mesmo tempo que sinto que para mim é tão ardua como audaciosa a empreza.

Entra-se no *atelier*, illuminado a toda a luz que vem de cima, e defronta-se, emoldurada, com uma ampla tella medindo tres metros na largura e dous e vinte centimetros de altura.

Tanta é a intensidade da luz que a illumina, tanta é a impressão de calor que irradia da pintura que bem me parece merecer a designação de Sol ardente, se tal for o nome de baptismo com que o autor venha a denominar a, se não é que já a baptisou.

Estamos em pleno agosto. Aquelles verdes tenros com que as lagrimas e bafejos do abril e maio almofadaram os campos e revestiram os copados arvoredos são por completo desaparecidos ou transformados, ao perto em restolhos de trigaeas ceifados, ao longe só aquelle escuro espesso das ramagens com que no horisonte a floresta se recorta.

Sente-se até um d'aquelles sóis que rutilos andam como que a bailar sobre a linha do horisonte, e que depois, subindo em uma ascensão triumphal, não consentem a uma nuvem sequer que venha embaciar-lhe o azul.

Ao contemplar esta grande obra de arte para logo tudo o mais desaparece e esquece, e só nos absorve, conquista e domina essa harmoniosa e bem distribuida atmospheria de luz cahindo do alto a realizar os milagres d'esse original e cria-

dor colorista, para quem não ha tons desconhecidos, que na associação de todas as cores não produz desharmonias, essa eterna luz que nas mais imperceptiveis mas poderosas vibrações esmalta, gradua e transforma as verduras desde a mais tenue haste das boninas até á opulenta floração da magnolia, para converter o germen em glanta, a planta em flôr, e a flôr por fim em mãe fecunda.

Carlos Reis naquelle amplo trabalho sentiu se inteiramente á vontade, deixou de ser convencional e restricto, achou-se dentro do seu genero e deu azas ao seu genio vigoroso e inventivo.

Estamos em pleno campo e pena é que, para o idilio que as duas figuras humanas que o quadro apresenta, o momento não seja no mez de maio, em que os namorados, medindo a estreiteza do tempo pelo que dentro d'alma lhes fica por dizer podessem exclamar como os namorados da lenda:

— Ainda bem não é manhã, já é a noite escura!

Não é maio, bem o demonstram no solo os alourados restos da vegetação tendentes a desfazer-se em pó, dil-o aquella robusta sobreira de folhagem resistente, ostentando como os ramos foram objecto de recente descorticeamento, de recente messe, como diriam os corticeiros de S. Braz de Alportel.

E' tempo de o dizer: Dous alentados camponezes, um rapaz e uma rapariga cheios de vida e mocidade, segundo o modo de dizer pittoresco de pessoas de sua condição, estão namorando, mal protegidos pela sombra de uma sobreira: elle conduz sob o jugo uma bella junta de bois de um castanho claro, nédios e bem cuidados como de criador que não desconhece as humanitarias instrucções da *Sociedade protectora*; mas n'aquelle dia o encontro, casual ou aprazado, deixou que os pacientes animaes apanhassem em cheio todo aquelle sol; e ella, que cedo se levantou para ir colher frescas e viçosas as verduras de que tem repleto o cesto, decerto as deixará emurcheçar ali, em quanto que os dous não se resentem do queimar d'aquelle sol que Deus fez para todos; que outro sol mais intimo lá por dentro lhes aquece o coração.

Em verdade, não é intencionalmente que o quadro representa um sol ardente?

Desnecessario é dizel-o. Aqui não ha pretensões a critica d'arte, não me chega para tanto a competencia; não é uma apresentação por que o professor de paizagem na Escola de Bellas Artes é uma individualidade definida e illustre; veem de longe os seus diplomados por elle mesmo firmados, que lhe illustram o nome: o meu fim na sua comprehensão mais sincera, é registrar nas paginas do OCCIDENTE a existencia d'esta exposição como um acontecimento de arte digno de melhor e de mais auctorizado relato.

SILVA MATTOS.

PELO MUNDO FÓRA

Ao assassinato do *Grão-Vizir Mahmud Chevket Pachá*, seguiu-se um extraordinario movimento de repressão por parte do governo. Os assassinos barricaram-se numa casa da rua Piré Mehmed, em *Pera*, tornando-se urgente o auxilio de grande força policial e de bombeiros. No assalto, morreu o official *Hilmi bey*; mas tres assassinos ficaram prisioneiros: o capitão *Kiaçim*, o tenente *Ali bey* e um tal *Chefky*. Houve prisões em massa, deportações para a Asia Menor, de pessoas que nada tinham com o attentado, mas que eram suspeitas por pertencerem ao partido liberal. Trinta e oito dos implicados no *complot* foram julgados no tribunal marcial, em processo summario, havendo vinte condemnados á morte, oito dos quaes á revelia. No dia 23 cumpriu-se a sentença que mandou passar pela força os doze implicados na conjura. Os processos empregados pelos jovens turcos são, em verdade,



S. FRANCISCO DE ASSIS E O LOBO

simples e finas. Os «pratos» delicias as almas candidas dos moralistas.

Por impedimentos de malaventurada saude, não pudemos aceder á gentileza dos convites que a sua arrojada empreza nos enviou, para assistirmos á inauguração da «The Splendid Foz Garden», em Algés. Antes de mais nada, cumpre-nos agradecer. Mas nós conhecemos bem as magnificas condições em que esse comodo e luxuoso centro de diversão se inaugura e imaginamos bem o prospero futuro que o espera.

Por varias vezes visitámos o antigo palacete do Conde de Cabral e é impressão de maravilha e encanto que sentimos, ao descortinarmos do amplo terraço sobre o Tejo aquele panorama lindo e indefinido. Na explanada, as horas decorrem apraziveis e esquecidas.

Uma empreza inteligente e audaz faltava para dar á paisagem bellissima que dali se avista, um desfrute acessivel e comodo. Essa empreza apareceu agora e trabalhou com afan e venceu com gloria num paiz em que as boas iniciativas se gastam e perdem. «The Splendid Foz Garden» que ha poucos dias ainda se inaugurou como um centro de diversões onde não se carece de esmerada cosinha e variados espectaculos, será, sem duvida, já em dias muito proximos, um concorrido «rendez-vous» de Bom-Gosto e Bom-Tom. Decerto, o tempo não desmentirá as nossas previsões...

ANTONIO COBEIRA.

A liberdade começa onde a ignorancia acaba.

d'uma violencia que lhes não dá direito de censurar o *regimen hamidiano*.

Como se disse, o successor do Grão-visir é o príncipe *Said Halim*, sobrinho do fallecido *Khediva Ismail Pachá*.

A questão balkanica continua indecisa e mesmo ameaçadora de novas batalhas entre os aliados, que se não entendem na partilha dos vastissimos territorios conquistados. A Servia e a Bulgaria de-frontam-se carrancudas, com indizível contentamento da Turquia e da Austria. A Russia quer ser o arbitro da pendencia, e cabe-lhe esse direito como protectora do povo slavo. Mas a Servia não se conforma com o tratado de março do anno passado, em que se estipularam as condições de partilha do colosso turco, pois que a cumprirem-se as suas clausulas, em que se não previa tão grande avanço, a Servia fica com um pequeno quinhão, ao passo que a Bulgaria fica com a parte do leão.

Esta lucta d'interesses tem preocupado as chancellarias e os chefes d'Estado, mas não lhes impede que tratem dos interesses particulares dos seus povos.

O *Czar da Russia*, proseguindo na commemoração do *tri centenario dos Romanof*, visitou as velhas cidades do imperio, taes como *Uladmir, Nijni-Novgorod*. Visitou o celebre mosteiro de *Ilatief* onde, ao fugir dos polacos, se acolheu *Miguel Feodorovitch*, fundador da actual dynastia. O cortejo imperial seguiu o mesmo caminho trilhado em 1613 pelos delegados moscovitas, que iam oferecer a corôa a esse illustre antepassado dos *Ramonof*.



S. M. O IMPERADOR GUILHERME II

A Allemanha celebrou ruidosamente, em 15, o *vigesimo quinto anniversario do reinado do Imperador Guilherme II*, pon-do em fóco a alta personalidade do augusto soberano, que tão gloriosamente tem presidido aos destinos d'aquella potente nação. Temperamento impulsivo, com actividade inegualavel, fé ardente nos altos destinos da sua patria, Guilherme II, neto de Frederico II e herdeiro das suas ideias, pôde orgulhar-se da vastissima obra realisada nestes vinte e cinco annos, em que se assignala a organização do Código Civil para toda a Allemanha, a celebração de vantajosos tratados de commercio, a fortificação do regimen fi-

nanceiro, reorganização do exercito e da armada. Defendendo a phrase de Frederico II — *os mestres da escola e os sargentos são os melhores educadores* — Guilherme II cuidou a serio da reorganização da instrucção publica, tomando a iniciativa d'um largo plano d'estudo.

Contrariando as ideias de *Bisbark*, que não queria colonias, o actual imperador tem pugnado pela prosunção da politica colonial allemã, de que a bandeira deve seguir sempre o pavilhão commercial, numa orientação assentua-damente pacifista.

Soldado dos pés á cabeça, descendente d'uma familia de militares illustres, o imperador Guilherme quer que o seu exercito seja o primeiro do mundo.

Na Allemanha, a litteratura e a sciencia attingiram o apogeu; as industrias do ferro e do carvão prosperam assombrosamente; a legislação operaria é moderar.

Na Inglaterra tudo se prepara para receber com o maior esplendor o illustre presidente da *Republica Francésa*, que durante tres dias será hospede do rei George V. A fatalidade fez com que o brilho da viagem do sr. *Raymundo Poincaré* fosse empanado, logo á sahida de *Cherburgo*, por um desastre em que pereceram 2 artilheiros, ficando mais 7 gravemente feridos, em consequencia d'uma explosão de cartuchos para salvos, os quaes foram imprudentemente collocados muito proximos das peças que faziam fogo no forte de *Roule*.

Esta viagem a Londres vae decerto pôr ponto num incidente que tem tido larga repercussão em todo o mundo, graças á qualidade das pessoas que nelle estavam envolvidas. É o famoso caso *Marconi*, nome de duas companhias de telegraphia sem fios, uma inglêsa e outra americana, com organizações differentes, mas com directores communs, como por exemplo o sr. *Godfrey Isaacs*, que teve a habilidade de fazer o consorcio das duas companhias, a que o desastre do *Titanic* veiu dar grande alento pela alta das acções.

O governo inglêz recebe um pedido para o estabelecimento de estações radio-telegraphicas nas suas colonias; o projecto discute-se e parece viavel. Entretanto *Harry Isaacs*, irmão do habil administrador, convence seu outro irmão *Rufus Isaacs*, ministro da justiça, a adquirir certo numero d'acções da companhia americana. O seu collega, o famoso ministro das finanças *Lloyd George*, entra tambem na posse de parte d'essas acções, que vende com avultado lucro. *Lord Murray*, compra tambem acções por conta do partido liberal.

Em fins de 1911 correm boatos de que nos membros do gabinete ha interesses da companhia *Marconi*. A imprensa faz-se echo d'essa insinuação e em Outubro ultimo a camara dos communs faz um inquerito. Sir *Rufus Isaacs* nega que tivesse entrado em negociações relativas ao contracto *Marconi* e instaura um processo contra o jornal francês *Le Matin*. No decurso dos debates, sir *R. Isaacs* confessa ter feito a compra d'acções e a cedencia a *Lloyd George* e *Lord Murray*. Reconhece-se que todos procederam de boa fé, convencidos de que a companhia americana nada tinha com a similar

inglêsa, não havendo maior inconveniente em adquirir acções *Marconi* de que, por exemplo, as acções do falado emprestimo japonês.

O ponto, porém, sobre o qual toda a gente está d'accordo, é na condemnação das reticencias e das hesitações das pessoas embrulhadas nesta questão, que foi mais uma arma habilmente manobrada pelos conservadores, que se preparam de ha muito para subir ao poder. É muito plausivel que logrem o seu intento nas proximas eleições.

Merece especial referencia a sumptuosidade com que se realisou este anno o baile aristocratico do *Royal Albert Hall*, em Londres. N'essa brilhante festa de caridade reconstituiu se a côrte faustuosa de *Versailles*, quando Luiz XIV dava recepção a que assistiam representantes de quatro côrtes europeias, entre as quaes figurava Portugal. As personagens d'essa epocha foram desempenhadas pelas mais distinctas individualidades da aristocracia inglêsa.

A rainha *D. Catharina de Bragança* era representada pela *Condessa de March*, e o rei *Carlos II*, pelo capitão *Harry Lindsay*. Da organização da côrte portugêsa se desempenharam brilhantemente as sr.^{as} *marquês de Donegall* e *Lady Smiley*.

Além do rei e da rainha de Inglaterra, do príncipe herdeiro da Suecia e de alguns principes inglêses, assistiram tambem o sr. *D. Manuel de Bragança* e a sr.^a *D. Amelia de Orleans*, que tambem assistiram ás imponentissimas corridas de *Richmond*.

Para finalizar, regista-se o nascimento de mais um infante de Espanha, que auspiciosamente viu a luz no *Palacio da Granja*, sendo, pois, o sexto filho do rei *Affonso XIII* e da rainha *Victoria Eugenia*. Já sentou praça, ou melhor, já lhe sentaram praça no exercito, como soldado de cavallaria, a exemplo de seus irmãos, o príncipe das Asturias, que é de infantaria, e o infante *D. Jayme*, de artilharia.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Na Sociedade de Geografia

3.^a Conferencia do 2.^o tenente sr. Jayme do Inso

Uma viagem a Timor

(Concluido do numero antecedente)

Nestas pedras, designadas na lingua *têto*, sob o nome de *Fátu*, costumam os indigenas edificar as suas fortalezas, feitas de pedras, troncos de arvores, quando não são nas proprias cavernas, e a taes fortalezas dá se na ilha o nome de *tranqueiras*.

Algumas daquellas pedras são *lulic*, isto é, sagradas, como as do *Ramelau* que consta elevarem-se a pique sobre o terreno a uma altura de 600 a 700 metros.

A ilha de Timor é dividida num grande numero de pequenos reinos, cerca de 50, cujos habitantes apresentam caracteres tão differentes, que é muito difficil dizer-se qual seja o typo da população.

É uma mistura de raças onde parece que se descobrem, a par dos caracteres malaioes, os papuas, os australianos, e talvez os hindus, porque os indigenas actuaes são filhos de amigrantes oriundos de logares muito differentes, desde Malaca ás Celebes e á Australia.



TIMOR — RUA DO COMMERCIO EM DILLY

Esta differença de typos nota-se mesmo em Dilly. Além desta população que na sua maioria apresenta os caracteres da raça malaia, ha alguns africanos, indios e chinezes que, embora em pequeno numero, exercem uma influencia importante na vida economica da colonia porque constituem a grande massa dos comerciantes. Devido aquella complexidade de raças se poderá explicar não só o estado politico da Ilha, como a variedade de dialectos que se fallam em Timor. Segundo informações que lá colhi, só no nosso territorio fallam-se para cima de 30 linguas e dialectos.

Destes, os principaes são o *Galoli*, a lingua do litoral de E, fallada nos reinos da Hera, Lacló, Manatuto, Laleia, etc.; o *Mambai*, que é a lingua dos montanhezes ou *Calladi*, como elles se chamam, e que se falla nos reinos de Aileu, Ermera, Remexio, Turisca, Maubisse, Fatumassi, etc. Mas dentre todas essas linguas, destaca-se o *Teto*, que é por assim dizer a lingua official que todos os regulos comprehendem, e que se falla em Dilly, e nos reinos de Soibada, Lacluta, Bibissuso, Alas, Dotic, Suai, etc., e em parte do territorio hollandez.

A historia de Timor desde o começo que ficou envolvida num veu de mysteriosas lendas que põem em embarços até os proprios historiadores. E parece que tradição obscura se perpetuou até hoje, agravando ainda mais o desconhecimento de Timor. Na posse desta longinqua ilha da Oceania revela-se mais uma vez, ainda que indirectamente, o dedo do gigante que ennobrece a nossa historia: Affonso de Albuquerque.

Conquistada Malaca em 25 de julho de 1511, destacou o grande capitão 3 galeões que iam em

busca das ilhas das especiarias, conhecidas pelo nome de ilhas do Maluco. Naquelles tempos de crenças vivas, costumavam os nossos galeões levar sempre missionarios, pois o fim de taes expedições era não só o comercio e conquista como a propaganda da fé religiosa.

Foram estes missionarios os primeiros a estabelecerem contacto com os indigenas de Solor donde passaram á ilha das Flores onde edificaram uma fortaleza em Larantuka. Foi daqui que partiu num *parau* (pequeno barco) um missionario, Frei Antonio Taveiro, que arrostando os perigos da viagem a uma terra desconhecida e selvagem como era Timor, bem pode chamar-se o fundador daquella Colonia.

A este seguiram-se outros, morrendo alguns ás mãos dos gentios, mas a sua obra proseguia, já construindo escolas e egrejas, já avassallando reis quer fosse por tratados quer pela conquista das armas.

Tal foi a acção politica e colonizadora dos missionarios naquelles nossos remotos dominios onde não tivemos até fins do seculo xvii outra auctoridade a não ser a dos padres. Segundo opinião dum historiador, dos raros que se teem occupado desta colonia, os governadores não tiveram mais tarde que fazer novas conquistas, mas apenas manter as que os missionarios haviam conquistado.

A capital dos nossos dominios na Malasia era Larantuka, e em Timor, depois que os hollandezes nos tomaram Kupang (sua capital de hoje), escolheu-se Lifau na costa Norte, para séde da nossa occupação.

Levantaram uns toscos baluartes junto da praia e assim se formou a chamada praça de Lifau, donde em agosto de 1769 nos vimos obrigados a retirar por mar mediante o auxilio de dois navios, *S. Vicente* e *Santa Rosa*, que tinham chegado de Macau.

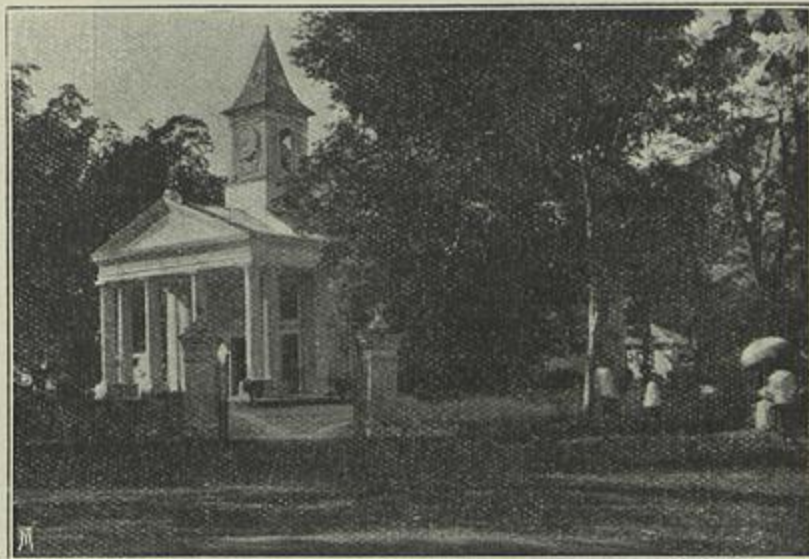
O apertadissimo cerco e ataque do rei de Okussi, D. Francisco de Ornay, a que os limitadissimos recursos da praça não podiam resistir, fizeram com que os restos da colonia, procurassem porto de abrigo, vindo a fundar Dilly. Os descendentes destes Ornays representaram um papel importante na historia de Timor, chegando um a ser membro dum governo provisorio, e ainda na recente guerra um delles, D. João Ornay, se tornou celebre, trucidando barbaramente 2 sargentos europeus que foram cortados em bocados com requintes de malvadez.

Além dos naturaes, tivemos muitos outros inimigos com quem luctamos, como os javanezes, os balinezes, os makassares, e os hollandezes.

Analysando a historia de Timor, vê-se que ella se desenrola sempre no mesmo meio selvagem onde as sublevações e as tentativas de rebelião eram constantes. Sem força, sem recursos, cercados de traições e inimigos, e ainda por cima victimas das proprias intrigas, que politica era a nossa que nos ajudava a manter abandonados aos proprios recursos naquella ilha selvagem da Oceania?

A esta pergunta responde o historiador de quem me socorri ao escrever estas breves notas: «a nossa politica em Timor foi sempre de expedientes e transações com os indigenas».

Na acidentadissima vida da nossa colonia mais longinqua não faltaram episodios tragicos a par



IGREJA MATRIZ DE DILLY



COMANDO MILITAR DE LIQUIÇÁ (COSTA NORTE)

dalguns picarescos, como aquelle dum governador excentrico, Julião Vieira, ter feito eleger o nosso ministro Costa Cabral conde reinante do povo de Liquiçá, o que lhe valeu uma forte reprimenda de Lisboa.

Mas os factos mais importantes para a integridade daquelles nossos dominios começaram a desenrolar-se em 1848 com o aparecimento dum commissario hollandez para tratar a questão dos limites.

O conselheiro Lopes de Lima foi a Timor, cujo governo assumiu com poderes especiaes de que infelizmente soube usar mal, e negociou a entrega das ilhas das Flores e Solor a trouco do pequeno reino de Maubara (Timor) e dum indemnização de 200:000 florins (cerca de 80 contos).

Sem a sancção do governo, entregou Larantuka, onde os naturaes consentiram com grande repugnancia que se arriasse a nossa bandeira, a troco da primeira prestação, e sendo mandado retirar preso para Portugal, veio a morrer de febre e desgostos em Batavia. Lopes de Lima exorbitou, tendo apenas a desculpa lo, a situação afflictiva em que foi encontrar a colonia, sem recursos de especie alguma; mas o nosso governo em lugar de anular as negociações de Lopes de Lima, veio a firmar o tratado de 20 de abril de 1859 ainda mais ruinoso para nós.

Por este tratado não só cediamos as ilhas das Flores e Solor, como ficou estabelecido que Portugal desistia de todas as pretensões «que poderia fazer valer sobre outros estados ou logares situados nas supramencionadas ilhas, ou nas de Lomblem, Panthar e de Ombay, quer estes esta-

Exposição dos Humoristas Portugêses



«ACACIO E D. FELICIDADE DE NORONHA»
ESTATUETAS DE NORBERTO CORREIA



«O DESEJO» CARICATURA DE ALMADA NEGREIROS



«APONTAR»
ESTATUETAS DE NORBERTO CORREIA



«ARMADILHA»
ESTATUETAS DE ERNESTO DO CANTO



«CONSEQUENCIAS D'UM CASAMENTO DESIGUAL»
ESTATUETAS DE ERNESTO DO CANTO



«OS VARÕES ASSINALADOS» CARICATURAS DE FRANCISCO VALENÇA — (Veja *Cronica Occidental*, n.º antecedente)

Recita dos Quintanistas de Direito da Universidade de Coimbra



1. *Pasta rica*, Frazão — 2. *Uma nutrida cocote*, Moreira de Almeida — 3. *Mulher adúltera*, Fraga — 4. *Saraiva que ensinas tu...*, Baeta Neves, — 5. *Uma madama*, Matos Chaves — 6. *Minerva civilisada*, Francisco Owem — 7. *O bobo*, Figueiredo — 8. *Aia de Minerva*, Vicente Carvalho — 9. *Corpo de baile*, Albergaria, Paco Beirão, Rebelo de Andrade, Fernando Quartin, Correia de Sampaio, Miranda e Sousa — 10. *O Netar e a Ambrosia*, Botelho, Barros — 11. *O fotografo Gabriel Tinoco*, Manuel Cardoso — 12. *Uma dama da corte de Minerva*, Lemos — 13. *Um trombeteiro*, Abranches Figueiredo — 14. *Cocote*, Carlos Sampaio — 15. *O rapaz dos postaes*, Sá Reis.

(Clichés de Gabriel Tinoco)

dos usassem da bandeira portugueza, quer da neerlandeza». Desde então acha-se por escrever a historia de Timor.

Estou convencido que o capitulo que ha a acrescentar-lhe pouco differirá dos que lhe antecedam.

Melhoramentos poucos, como são os recursos para valorisar as suas riquezas; as mesmas luctas, não só com os naturaes como até com os proprios hollandezes, á mão armada, como lá ouvi contar que ainda ha pouco, em 1911, se dera na fronteira de Bobonaso. De resto, o mesmo abandono, a mesma tristeza a apparecer-nos como um contraste no meio da alegria da sua farta natureza, e aqui está Timor onde se encontram hoje, a par dos mesmos perigos e rasgos de antigas valentias, o mesmo viver mesquinho e as intrigas, isto é, as mesmas qualidades e defeitos que mais ou menos sempre tiveram os portuguezes.»

Ao terminar a sua conferencia, o sr. tenente Jayme do Inso, que é um entusiasta pelo resurgimento das nossas colonias do Extremo-Oriente, foi muito cumprimentado.

Apresentou ainda uma interessantissima collecção de projecções luminosas sobre Timor e algumas de Java, entre as quaes um curioso panorama mostrando o *Mar de Areia* e a cratera do Bromo, um ponto obrigado do turismo em Java, que aquelle official visitou, acompanhando as projecções com varias referencias e impressões pessoaes.



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

II

NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

—E ainda repito hoje. Nenhuma cantora possui actualmente a vossa escola e sentimento dramatico! Se o theatro fosse possivel ás raparigas honestas!

—Mas, general, sei defender-me, disse ella com ar grave. Para a scena não basta só a voz...

—E' necessario uma alma, como esta que Schumann acaba de encontrar em V. Ex.^a. Assim poderei ver Alceste, Ephigenia, Elsa ou Brunhilde. O gesto e a attitude apparecem sósinhos. V. Ex.^a recordou-me as bellas tragicas da minha juventude.

Pediram a Fombreuse para executar algumas das suas obras. Disse que sim, sómente na occasião que a artista dissesse que elle tinha trazido uma peça para piano.

Para voltar as paginas Anna assentou-se junto d'elle.

Que nos vae executar? perguntou o general.

—Esta, disse Anna, chamada *Venus de Milo*, e leu os versos da capa:

*Sou bella, ó mortaes, como um sonho de pedra,
E o meu seio, onde cada um vem repousar,
E' feito para inspirar ao poeta um amor
Eterno e mudo, assim como a materia.*

Um *moderato* preludiava em uma tonalidade obscura. A phrase apenas despontava, lentamente rythmada como um sôpro invisivel e o repouso era profundo.

Fombreuse interrompeu a estrophe

musical para fazer o seguinte commentario:

—Eu suponho (sonho de artista!) que passando junto da estatua da Venus me confiou o seguinte: «Era blóco de marmore onde dormitava. Arrancada á minha escuridão pela mão dos homens para designios ignorados da minha inercia, senti a impressão da luz e fui minada pela dôr. Da minha massa uma forma nasceu. Tomei consciencia da beleza em que me tornei. Um tal esplendor raiou do meu ser, edificaram me um templo do qual era rainha e deusa. Prostrados perante mim, os humanos tocaram os labios ardentes contra a frieza do meu marmore, e a sua adoração foi o meu orgulho. Mas a noite voltou; os homens cujas guerras os tinham lançado á barbaria primitiva fugiram do sanctuario. Eu vi os meus braços e os meus seios devorados pela hera das ruinas e das solidões. Cataclysmos me fizeram fugir sob as trevas e a poeira dos escombros. Durante seculos não recebi mais beijos do sol, do qual estava proclamada a irmã terrivel e bemfeitôra. Mas o pensamento que me tinha esculpido, as orações balbuciadas ao pé do meu altar, os desejos nascidos d'um olhar dirigido a mim, as dôres soffridas por causa da minha beleza, tudo emfim me tinha elevado a alma, esta alma que não queria morrer. Crendo no meu destino de gloriosa immortal, nas minhas angustias nocturnas, resistia á destruição. O meu unico cuidado foi defender o meu corpo harmonioso contra as mordeduras da terra. Seculos de adoração me tinham enchido de força. Quando descobriram o meu marmore mutilado, senti-me feliz. Reproduzia perante os olhos modernos a beleza antiga testemunha de esplendor. O meu rosto illuminou a face do mundo que levava o luto da minha ausencia. Como Adonis resuscitado trazia a primavera. Sou altiva de ser a mais bella, a mais amada, e tambem a mais amaldiçoada. Contemplei as alegrias, os soffrimentos da humanidade e na impassibilidade das minhas linhas, no meu orgulho divino, ninguem me viu mover nem sorrir. Sou eterna quando tudo passa...»

Fombreuse começára por fallar alto explicando todo o entrecho da peça, mas a voz ia diminuindo ao passo que desejava celebrar a grandeza de Venus. Emquanto que a artista olhava para elle com um modo em que se traduzia a sua admiração, Seraphina encontrava-se triste perante aquella linguagem. As ultimas palavras foram apenas como um murmurio.

—E' muito curiosa e muito original esta concepção! disse um rapaz ao general. Este compositor nasceu poeta!

—Escutemos agora a traducção musical.

Fombreuse recommçou, desde os primeiros compassos, o rumo da pedra arrancada ao seu repouso, esboçada na dôr sob a tortura do cinzel, animando-se do sonho do genio e perpetuando-o. Apoz as hesitações previstas e as difficuldades estudadas da modalidade, a pura melodia desenhava a castidade de uma estatua encarando a limpidez do ceu. Era uma phrase plastica, a linha tornada sonora. E o thema pairava sobre a indifferença cristalina das oitavas agudas emquanto que o contra-canto apaixonado e

doloroso, chorava sob as delicias torturantes da fatalidade do amor...

Todos applaudiram e o general tambem. Mas a cantora não se sentia bem perante aquella musica que ella ouvia! Os olhos de Soraphina revelaram a Fombreuse que ella tinha ficado impassivel. A sua obra parecera-lhe nada expontanea, mais litteraria que melodica, musica de programma e d'uma esthetica obscura. Os elogios que lhe fizeram foram como uma ironia.

O jantar intimo, correu animado. Fombreuse á direita da sr.^a de Carbranches, tinha perto d'elle Anna e em frente o general e a filha. Anna estava muito alegre e feliz. A dona da casa disse-lhe:

—Minha querida amiga, nunca a vi tão alegre! Quem me dera ver Seraphina rir assim!

A menina Carbranches olhou docemente para a mãe, como implorasse perdão de não ter o genio assim.

O general fallava da grande admiracão que tinha pelos jardins e palacio de Versailles.

—Deviamos ir depois do jantar.

—V. Ex.^a conhece bem os jardins?

—Oh! general, muito mal, tenho-os sempre visto com muita gente e não tenho gosado a perspectiva.

—Então poderei dizer que nunca os viu. Permanece com a opinião de Musset que não comprehendeu estes lugares. Pódem-se criticar, mas o conjunto é admiravel! Esta decoraçãõ é de todos os tempos, onde os homens perante a obra de Deus, sonharam pôr a sua obra em audacioso paralelo. Reflecte o espirito de uma epoca, e querem-lhe negar a majestade! E' necessario um genio, um homem muito intelligente para desenhar e plantar, debaixo da janella do Rei-Sol, esse jardim immenso, sobre o qual a sua vista orgulhosa cahia sem obstaculo, como os raios do astro sobre o mundo. Da sua janella o seu olhar abraçava um horizonte do ceu, tinha uma floresta a seus pés. As avenidas e os canteiros de Lenôtre possuem a claridade das ideias e a correcção do estylo do seu seculo. Os terrenos de Versailles são, substituindo o *proscenium* grego, dignos de serem o theatro onde Phedre modernisada de Racine deixa arrastar os seus veos dolorosos. Como V. Ex.^a é um artista de raça, comprehenderá optimamente o quadro.

Durante o jantar, o ceu encheu-se de nuvens. Nuvens de tempestade que enegreciam o oriente. O general já estava com receio que o passeio não se realisasse, mas tendo sahido para o jardim convenceu as senhoras que não haveria perigo pois a tempestade encaminhava-se para o sul.

—Vamos, venham os chapéus! São oito horas e as nuvens farão a noite mais prompta.

Subiram a rua do pintor Lebrun. Pelas grades dos Reservatorios, pela *Cour Royale* e vestibulo do Museu chegaram á porta superior dos jardins.

Por cima da massa florida dos castanheiros do parque, o pôr do sol espalhava as suas fulgurações metalicas, acobreadas e prateadas. Perfume de rosas embalsamavam o ar, cheias de encanto.

(Continúa).

No Remanso do Lar

Cronicas musicaes

POR

Alfredo Pinto (Sacavem)

No constante pugnar pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da sublime arte da Musica, em Portugal, publicou o sr. Alfredo Pinto (Sacavem) distinto colaborador desta revista, mais um livro, sob o titulo acima, e de que nos brindou com um exemplar.



SANTA CECILIA—Quadro de Carlo Dolci

Este volume, de cerca de 200 paginas, bem impresso e em bom papel, é ilustrado com retratos de maestros notaveis e quadros de mestres, como os de *Santa Cecilia*, de Rafael e de Carlo Dolci.

As *Cronicas musicaes* lêem-se com prazer e proveito, pois em todas revela seu autor o amor da bela arte, que o inspira, a par da erudição e dos conhecimentos que tem dos grandes musicos.

Numa daquelas *Cronicas* occupa-se do *Orfeon de Coimbra*, onde faz justa apreciação do talento musical de Antonio Joyce.



ZUMSTEEG

Wagner merece lhe algumas paginas, sob o titulo *Impressões de Bayreuth*. Os mais notaveis compositores tambem teem nele seu lugar e, por fim, dedica uns oito capitulos a um grande musico esquecido — Johann-Rudolph Zumsteeg, de fins do seculo XVIII principios do XIX.

Agradecemos a amavel dedicatória do autor.

C. A.



Conferencia do sr. Hygino J. Assumpção sobre a ilha de S. Thomé

E' digno de nota este acordar de vida colonial que, nos ultimos tempos, se tem revelado, calando, emfim, no espirito dos portuguezes quanto Portugal tem de viver das suas colonias e para as suas colonias, pois nelas terá seu melhor futuro, se delas cuidar com acerto.

Grande vae sendo o numero de portuguezes interessados neste assunto capital. Publicam-se livros elucidantes sobre a vida colonial, mostrando tanta riqueza insplorada, e o que é preciso fazer para a aproveitar e desenvolver; fazem-se conferencias publicas no mesmo sentido e apontam-se os erros cometidos na administração colonial, tantos ou mais dos que ressaltam na administração geral do país. Manifesta-se, finalmente, o empenho de recuperar o tempo perdido, entrando numa vida de actividade colonial, livre da rotina e das peias da burocracia official que tem sido um dos maiores obstaculos ao desenvolvimento das colonias portuguezas.

Agora veiu o sr. Hygino da Assumpção, um africanista tão inteligente como ativo, fazer uma conferencia publica na Pró Patria, que é como um brado de verdadeiro patriota em favor da bela colonia de S. Thomé, aquella que mais tem prosperado pela grande iniciativa de seus agricultores, a despeito das dificuldades de toda a natureza, sendo a maior o abandono em que os governos deste país a teem deixado.

O sr. Hygino da Assumpção, que ha alguns anos vive naquela ilha entregue ás lides commerciaes, conhecendo toda a colonia e de quanto ella precisa para seu maior desenvolvimento, esplanou na sua conferencia este vasto assunto.

Diz o conferente:

«A dirigir os destinos da provincia está actualmente um homem de reconhecido valor e de cuja boa vontade a ninguem é licito duvidar. Mas essa boa vontade, esse desejo de acertar são prejudicados pela ação do Governo Central que, ou impede com formalidades ridiculas a realização de medidas sensatas e que podiam ser uteis á provincia, ou manda para ali ordens absurdas e desconchavos a que por vezes o bom senso do Governador tem que dar solução de uma forma justa e razoavel.»

«S. Thomé não tem viação, não tem iluminação, o saneamento é rudimentarissimo e as habitações urbanas tudo que ha de mais anacronico.»

«Não tem estradas capazes, apenas 7 kilometros que vão da cidade á Trindade, 8 kilometros da cidade ao Manuel Jorge e 10 kilometros á Madalena. O resto, o interior, V. Ex.^{as} não são capazes de suporem o que seja. Trilhos que na minha aldeia seriam desprezados para n'elles se andar é que servem de comunicação entre os varios pontos. E ainda mesmo esses caminhos intransitaveis por vezes, mercê das enormes derrocadas de terrenos, são cortados frequentemente por cursos de agua caudalosos que impedem a comunicação entre pontos que com facilidade poderiam estar em contacto.»

«Eu tenho-me cançado pela palavra e pela escrita de protestar contra a falta de uma ponte que atravessasse o rio Ió Grande, um dos cursos de agua mais perigosos que ahi existem. Pois ainda nada se conseguiu.»

«De vez em quando aparece um director de Obras Publicas, um apontador e alguns auxiliares e começam com pantometros, teodolitos e outros

instrumentos apropriados a medirem, tomarem apontamentos, a fazerem levantamentos de perfis, emfim toda uma patacoada para inglês vêr, porque fica tudo na mesma.»



HYGINO J. ASSUMPÇÃO

«Os moradores da região já chegaram a pedir autorisação para construírem eles a ponte pagando o Governo apenas uma parte e fiscalizando essas obras. Pois a isso respondeu o meu amigo e distinto Governador Mariano Monteiro que não podia, não havia verba e era preciso incluir-se no orçamento!»

«Eu quero prestar n'este momento publica homenagem ao capitão-tenente Jayme Daniel Leote do Rego que por duas vezes governou aquella provincia sempre com subido criterio e a quem se devem portarias de elevado valor.»

«A verina politica e a indisposição permanente sob que se vive em S. Thomé, fizeram que este governador ali se não demorasse. Lastimo porque sem desdouro para inteligentes e dedicados governadores que a Provincia tem tido, ele foi um dos melhores.»

«Fui para S. Thomé em 1906, pois de então até á proclamação da Republica, isto é, 4 anos, conheci ali 6 governadores, mas desde 5 de outubro de 1910 até hoje já lá estiveram 9, no-tem bem, nove governadores em menos de 3 anos!!! E o governador que mais tempo se demorou foi Mariano Martins, que veio a Portugal de licença e voltou para aquella provincia.»

«O problema dos serviaes, a que, se eu tiver tempo, em outra palestra me referirei, necessita ser resolvido com honra para ambas as partes, governo e governados.»

«Tal como está, é um caos de leis, portarias, disposições de uma repartição que não correspondo aos fins que se propõe.»

«O problema da viação tem sido atacado varias vezes, mas o que surgiu foi um caminho de ferro, com maquinas que não servem para os carris e vagons que não servem para as maquinas.»

«Saneamento, tem cinco anos de existencia. Só existe um unico balneario e que, verdade verdadeira, envergonha estabelecimentos similares que com esse nome existem nesta capital.»

«Mas é um só balneario e sendo a população indigena e europea grande, não chega, e desta forma continua a ver-se os passeios pela rua de serviaes conduzindo os dejectos das habitações.»

«O pouco que existe de bom é de iniciativa particular.»

«Esta coletividade (A Pró-Patria) tomando a peito os interesses de S. Thomé, faz uma obra

digna e nobre, e oxalá seja secundada a sua iniciativa.»

«E' necessario fixar os governadores por um periodo tal que tenham tempo de conhecer a fundo a provincia e portanto apresentar soluções rapidas e sensatas.»

«E' necessario descentralisar o governo, formando uma junta distrital á semelhança do sistema insulano que tão bons resultados tem dado.»

São estes os topicos mais importantes da conferencia do sr. Hygino da Assumpção de que extratamos o suficiente para mostrar o atraso em que esta rica colonia se encontra e quanto é nessesario fazer para seu maior desenvolvimento, a que tem incontestavel direito, atendendo aos proprios recursos de que dispõe.

O sr. Hygino da Assumpção presta serviço altamente patriótico continuando a lutar pelos progressos da colonia de S. Thomé.



Uma jornada á roda da Ilha Terceira

I

(Continuado do n.º 1240)

Estava vista a Salga, e a jornada continuou passando-se lá ao deante por varios predios de-



NO PORTO MARTINS, OS CONVIVAS DO ALMOÇO (Cliché do sr. Menezes)

negridos e muros em ruinas de quintas ao abandono; raro encontrava-mos um ou outro viadante, parecendo reinar a solidão por todas aquelas encostas e planuras da ilha.

— Chegámos ao ponto onde devemos almoçar, disseram-me então os companheiros, quando o trem parou em frente de um grupo de rochas, e parece-nos que é sitio proprio para entusiasmar um artista.

— Por ora nada vejo que se destaque mais do que já temos visto; então onde está a maravilha?

— Vae ver; mas vamos a pé para descermos á beira mar.

Assim foi, por um caminho pedregoso fomos descendo até ir dar a uma pequena enseada rodeada de enormes rochedos e de adusta *falaise*.

— Estâmos no Porto Martins, disseram-me, e que nos diz ao local?

— Soberbo! lindissimo! delicioso!, exclamei entusiasmado; assim era; por entre rochas de formação vulcânica, colocadas como taludes naturais e formando arruamento, do mar, que não se via d'ali, vinham morrer as ondas em pequenas ondulações, entrando pelo pequenino porto, saltitando a alva espuma por entre as denegridas fragas; do alto, do cimo dos rochedos do lado de terra, pendiam elegantes ramadas de arvores e arbustos e um ou outro casal divisava-se pelas colinas, formando o todo um quadro de notavel beleza e originalidade.

A agua do mar que chegava até ali, via-se tão diáfana, que convidava a entrar n'ela a refrescarnos do calor d'aquella dia de verão; sem se ser poeta quinhentista, parecia-me que de um ponto para o outro se ia ver a aparição de alguma formosa nayade ou nympa do Oceano.

Do trem que ficára lá em cima, na estrada, vieram n'um cesto os aprestos para o almoço, ao qual o adiantado da hora, o largo passeio, e a beleza do local, dava um formidavel appetite, pelo que se lhe fez as devidas honras do consumo, sendo o desenojativo frescas *lapas* apanhadas nas rochas e tudo acompanhado do agradável *vinho de cheiro*, uma especialidade das cêpas da Terceira.

Depois palestrou-se de tudo um pouco, fiz alguns *croquis* no album, dois dos colegas tomavam apontamentos e no entanto, do alto de um cachopo, o colega sr. Menezes fazia funcionar o seu kodak em que n'um instantaneo se reproduziu o belo local e as nossas individualidades satisfeitissimas.

Era magnifico, mas era forçoso partir, pois se o dia era grande, maior era ainda a excursão, portanto dentro em pouco o trem rodava comnosco, seguindo sempre a estrada do litoral n'um continuo prepassar de variados e soberbos aspectos de paysagem e de marinha combinados.

Lá para o interior da ilha ficavam, entre os altos picos, — alguns, como o do Norte e o de Santa Barbara, a mais de 1:000 metros de elevação, — os valles ou *caldeiras*, algumas formando vastas planicies com mattos e pastagens.

Agora até á ponta da *Mã Merenda*, lá para o norte, vinham terminar no mar alguns d'esses cerros em contrafortes de perfis phantasistas, dando admiraveis efeitos scenograficos á agreste

paysagem e formando ainda no mar baixios, cabos ou pequenos promontórios, destacados em negro no intenso azul das aguas.

A certa altura esse grandioso aspecto, tendo ao primeiro plano uns restos de velhos fortes arruinados, tornou-se tão interessante, que mesmo do trem parado, desnei as linhas geraes do grandioso ponto.

A costa via-se em grande extensão, desvanecendo-se ao longe os planos n'uns tons violaceos pela distancia; proximo ás praias

onde cachoavam as ondas a animação era dada pelas gaivotas que, á procura de alimento, guinchavam descrevendo largos vôos.



O AVIADOR D. LUIZ DE NORONHA NA CAMA DO HOSPITAL

Ao largo, o Oceano para o lado do oriente e com o sol quasi a prumo, tornára-se de um lindo azul ultramar, povoado de pequenas cristas brancas do choque das vagas, e esfumava-se ainda mais longe suavemente em lilaz, contra a delicada côr azul palida do ceu.

(Continúa.)

J. RIBEIRO CHRISTINO.



O aviador D. Luis de Noronha

Encontra-se, em tratamento num quarto particular do hospital de S. José, o ilustre aviador português sr. D. Luis de Noronha, que, no dia 11 deste mez, sofreu um desastre no biplano *Voisin*, propriedade do ministerio da guerra.

O sr. D. Luis de Noronha, que é um distinctissimo aviador, assim classificado pelas escolas de Paris, onde concluiu o seu curso de aviação, conduziu-se com muita habilidade e sangue frio na travessia que tentou fazer do Seixal para Lisboa, pois tendo havido um desarranjo no biplano que pilotava, e que o obrigava a aterrar precipitadamente, soube evitar de cair no Alfeite, por sobre o qual pairava naquele momento, correndo eminente risco de ficar esmagado pelo *Voisin*, cujo peso é de 570 kilos, vindo cair no rio, embora com graves ferimentos que lhe puzeram a vida em risco.

O distincto aviador tem sido muito visitado no hospital, e o sr. Presidente da Republica ali tem mandado saber do seu estado, assim como o chefe do Governo, ministro da guerra e chefe da comissão da Aerostatica Militar do Exercito Português.

Felizmente o sr. D. Luis de Noronha encontra-se livre de perigo e entrado em convalescença.



Herois e Santos

A religião é um culto e o patriotismo é, igualmente, um verdadeiro culto.

O objecto desse culto, na religião, é Deus e os seus santos; no patriotismo, é a patria e os seus herois.

Equiparada a religião ao patriotismo, equiparados ficam os santos com os herois.

O heroi é o santo na religião patriótica; o santo é o heroi na religião divina. Uns e outros impõem-se á veneração e ao culto: o heroi pela virtude cívica, o santo pela virtude moral.

Cada um, na sua esfera, estão em igualdade de circumstancias.

Aos olhos, porém, da humana e sã filosofia, não differentes a benemerencia do heroi da benemerencia do santo?!

Na arena das ambições, em montão de ruinas ou em pélagos de sangue, se ostenta a figura de um César ou de um Napoleão. No campo da abnegação, em pedestal de paz e de amor ou em cõro de benções, se venera a imagem de um Vicente de Paula ou de um Pedro Claver.

Um edifica aniquilando, é a espada o seu simbolo; outro constrúe cativando, é a cruz o seu emblema.

Esvaecidos os fumos da vitória, vibradas as ultimas notas do hino de triunfo, dissipada a embriaguez da apoteóse, escuta, o heroi, os gemidos das suas vítimas, ferem-lhe a retina, os clarões dos seus incendios e, nesse ambiente de impressões sinistras, deslisa para o túmulo cujas sombras o apavoram.

Sem aclamações estrondosas, sem os delirios de entusiasmo, experimenta, o santo, as inefaveis consolações do bem, recebe a adoração dos homens e o premio de Deus em cujas mãos reclinava a sua cabeça aureolada.

Oh! mil vezes mais feliz o santo! Só éle alcança a suprema ventura: — a da eternidade.

Vultos eminentes se destacam, no solo lusitano, no heroismo e na santidade.

Foi, devéras, feliz este cantinho da Europa. Num punhado de habitantes, de tudo se encontra: grandes virtudes cívicas e grandes virtudes morais.

Assim se define o espirito português, equilibrando-se em revelações multiplices, como brilhante de pura agua scintilando em todas as suas facetas. As gerações sucedem-se, curvando-se reverentes em honra desses de quem se orgulham de descender e a quem, no mais nobre impulso, aspiram imitar. A historia regista-os em paginas de ouro e a lenda celebra-os em graciosas fantasias.

Num e noutro campo, na realidade e na ficção, são, sempre, personificação de singular tèmpera moral e se, para as horas ditosas, são esteio de jubiloso orgulho, para os dias de desalento, são recordação suavizante, verdadeiro estímulo de reabilitação. Guardemos, em nosso coração, o mais nobre sacrario, essas reliquias de tempos idos e incensemo-las com os perfumes de grata admiração.

Conhece muito bem, o leitor, o nome de uma dessas entidades de precioso destaque. E' uma figura pádua de claustro que teve o seu berço em Lisboa; passou rápida e fugitiva no horizonte da vida, deixando, como brilhante meteóro, um esplêndido rasto de luz. Foi apagar-se no estrangeiro, em país de gloriosíssimas tradições, suavemente banhado pelas aguas do Mediterraneo.

Operou os maiores prodigios e deu as mais admiráveis provas de perfeição e, volvidos, apenas, onze meses depois da sua morte, recebia a canonisação com o maior júbilo da cristandade.

A imaginação popular tece-lhe uma corôa simpática e carinhosa adornando-lhe a fronte alegre e juvenil, ao passo que a Igreja o veste de burel e lhe estampa, no rosto, o estigma da austeridade e da penitencia.

Ri, brinca como rapaz travesso para o povo; penitencia-se, mortifica-se para Deus.

Tem palavras de jovial doçura, como homilias de severo misticismo.

Sob o habito franciscano, pulsa-lhe um coração de amores e abriga-se um campeão de fé. Fala aos grandes da terra como aos peixinhos do mar; casa a donzela enamorada como arranca, ao algoz, o condenado inocente. Recebe a homenagem das criancinhas em trôno de cartão ornado de cravinas e ostenta a sua imagem envolvida em alvas nuvens de insenso nos altares do templo. Enfim, é a tosca figura de barro presidindo aos folgares da popular romaria, como o vulto, artisticamente, esculpado, em soberba basilica, simbolizando o entusiasmo da fé.

Adivinhou, por certo, o leitor: é o grande taurmurgio lusitano, Santo Antonio de Lisboa ou de Pádua, segundo a cidade em que nasceu ou morreu.

Como se formou a lenda antonina em tão frizante contraste com a historia?

Em volta dos personagens historicos que, pela sua feição excepcional, mais, profundamente, impressionam, forma se, sempre, um ambiente de singularismo em que, notavelmente, avultam dotes de caracter como a força, a audacia, a virtude em grau supremo.

E' uma tendencia, afinal, para o exagero e que, com particularidade, nos povos meridionais em que mais predomina a fantasia, se torna muito notavel.

Dessa ligação íntima do prestigio natural e verdadeiro com a celebridade imaginosa, resultam os tipos lendarios que, de animo forte ou de bondade infinita, se impõem á admiração e ao culto. São os herois e os santos, entes privilegiados que merecem as grandes apoteóses.

Por um processo natural e lento, em virtude da tendencia para o maravilhoso, tendencia tanto mais acentuada quanto maior é a ignorancia, a fantasia sobreleva á realidade e o elemento historico desaparece para ficar, apenas, a ficção com as suas originalidades e inverosimilhanças.

Em épocas de obscurantismo em que a sciencia era patrimonio de raros, a alma popular, sem cultura e sem independencia, numa sensível depressão, refugiava-se na religião, unico balsamo para as suas desditas e, nela, encontrava, em fervores de crença, remedio para os seus males. Forçoso era, pois, criar o santo e compreende-lo não só como figura celeste mas, principalmente, como um valioso amigo da humanidade, protegendo-a.

Todas as classes sociais tinham o seu santo patrono, todos os males da vida o seu santo advogado.

Santo Antonio é o casamenteiro por excelencia e depara as coisas perdidas. E ha, por ventura, missão mais adoravel que a de converter em ditosa realidade a mais querida aspiração de uma alma apaixonada, a doçura mais terna de um sonho de amor? E não será a restituição de um

objecto perdido, rico de valor ou de estima, um dos momentos mais gratos e consoladores para um espirito ansioso?

Por isso as delicadas fibras do sentimento popular vibram em honra do bom santinho e, em animados descantes e alegres bailados, queimando alcachofras e fogos de artificio, lhe tributam singela e graciôsa homenagem.

A influencia dos velhos tempos pagãos sobre os cristãos é, tambem, muito para ponderar com respeito á popularidade antonina. Tanto no mundo moral como no fisico, é bem conhecido o aforismo: «Nada se cria e nada se perde.»

As sociedades extintas deixaram a sua herança de habitos e costumes e, sobretudo, as expansões de regosijo popular não se obliteram. Corrige-se, modificam-se, mudam de pretexto, mas na sua indole, na sua génese, são as mesmas.

As festas do paganismo reproduzem-se com identico espirito no cristianismo, embora, como é natural, com feição diversa, atentas as diferenças de crença.

Assim, as bacanaes gregas e as saturnais romanas, festas licenciosas em que todas as liberdades e excessos se permitiam, correspondem perfeitamente ao nosso Carnaval.

Os folgares, por occasião dos equinoxios, em que se visitavam os campos cobertos de searas e de vinhas, saudando o trigo cuja farinha é o precioso alimento e a uva de que o suco é o licôr da vida, tais romarias alegres e ruidosas, celebra-as, o calendario cristão, na primavera, com a Ascensão e, no outono, com o S. Martinho.

Igualmente, as festas dos solsticios, em que se cortejavam as ardencias do sol amadurecendo os frutos e a alvura das neves coroando as montanhas, a expansão nos campos e o concheço nos lares, encontram, tais festas, fidelissima reprodução nos folguedos de Santo Antonio, S. João e S. Pedro e no ambiente tépido e confortavel da familia no Natal de Jesus.

Vê-se, pois, que as diversões do solsticio estival, coincidindo com a época em que o cristianismo celebra o passamento do grande santo português, explicam a feição alegre e algo profana do culto popular de Santo Antonio. Apropriou-se a festividade antonina para reproduzir os divertimentos pagãos, não sofrendo assim, alteração, os tradicionais folguedos da humanidade.

E são, afinal, as camadas populares, não obstante a sua carencia de convenientes recursos, que dão a lei e definem a comunidade. Pela revolução destroem e edificam os regimens politicos; pela evolução organizam e modificam as instituições sociais.

São a grande força a que nada resiste, o poderoso motor que tudo regula.

Parecendo estranho, o fenomeno é de clara compreensão. A multidão encarna o espirito humano nas condições da maior naturalidade. Nas classes elevadas e cultas, ha o artificio que enfreia a espontaneidade.

A exteriorisação é mais ou menos regulada, submetida a processos de raciocinio, ao passo que a manifestação popular brota genuina como o silvestre arbusto do solo.

E' por isso que, indispensavel, se torna recorrer, sempre, ao povo, á pura fonte, para o conhecimento da indole das colectividades, para a determinação do seu caracter eminentemente nacional.

O preclaro vulto do cristianismo em Portugal que, tão vitoriosamente, resistiu ás tentações do seculo, só não triunfou da fantasia popular que o transformou, mártir da fé, em idolo de folia.

DAMASCENO NUNES.

NECROLOGIA

Dr. João Jacinto da Silva Correia

Foi em 28 de maio, ultimo, que faleceu em Coimbra, o sr. conselheiro dr. João Jacinto da Silva Correia, lente jubilado da Faculdade de Medicina e clinico distintissimo, cujo saber inspirava absoluta confiança na sua grande clientela, a par da afabilidade de trato e primores de cortezia que o tornavam querido e popular.

O illustre extinto nasceu, em Benavente, a 16 de

junho de 1843, tendo-se formado em medicina, na Universidade de Coimbra, no ano de 1869. Nomeado lente substituto de medicina, em 3 de março de 1871, veio a jubilar-se em 5 de dezembro de 1901, pelo que regeu sua cadeira durante uns 30 anos, com grande aproveitamento de centenares de discipulos que, naquele grande periodo receberam suas lições, que ele ensinava com modelar proficiencia, sabendo esclarecer com eloquentes preleções os estudantes, até os mais remissos, de modo a todos ficarem sabendo a materia que estudavam, tendo em cada discipulo um amigo.

Não vae muito longe a homenagem que seus discipulos lhes prestaram, por occasião de se jubilar o dr. Jacinto, como era mais popularmente conhecido. Foi na sala dos Capelos da Universidade que os quintanistas de medicina realizaram uma festa em honra do seu professor, a que presidiu o reitor e ali, inauguraram o retrato do notavel cientista.



DR. JOÃO JACINTO DA SILVA CORREIA

Não só em Coimbra o dr. Jacinto Correia teve sua apoteose em vida, pois na mesma occasião, na sua terra natal, Benavente, a Camara Municipal realizou uma sessão em honra daquele filho illustre.

Assim teve o dr. Jacinto Correia a rara fortuna de lhe reconhecerem em vida o valor de seus talentos como as inextinguíveis virtudes de seu caracter.

Coimbra cobriu-se de luto por sua morte, e a sciencia portugueza perdeu um dos seus mais distintos cultores.

General Pimentel Pinto

Uma doença lenta e terrivel — a albuminuria, vitimou o general de divisão sr. Pimentel Pinto, que veio a falecer no dia 7 deste mez.

Era bem conhecido o falecido, que nos ultimos anos da monarchia figurou distintamente na politica, como ministro da guerra, que foi por varias vezes, e cuja passagem por aquela pasta assinalou com medidas de valor, todas no sentido de melhorar a instrução militar, levantar o prestigio do exercito, fabricação de armas e munições, para o que fez grandes reformas na Escola do Exercito, no Arsenal e Fabrica d'Armas, além das reformas do codigo de justiça militar, regulamento disciplinar e serviços de saúde do exercito.

Luis Augusto Pimentel Pinto, que nasceu em Chaves a 6 de março de 1843, estudou preparatorios no Colegio Militar e a 15 de agosto de 1859 entrou para o exercito, sentando praça no regimento de lanceiros.

Percorrendo toda a escala de postos até o de general de divisão, em janeiro de 1906, distinguuiu-se no desempenho de importantes comissões de serviço, até que, em 1899, entrou na vida politica, filiando-se no partido regenerador e sendo eleito deputado por Angra do Heroismo.

Sem ser um orador brilhante, conquistou lugar de destaque no parlamento, por saber sempre defrontar-se com os adversarios na veemencia de suas palavras conforme a energia do seu temperamento.

Homem ativo e de acção, estas qualidades o indicaram para ministro, como de facto foi, convidado por Hintze Ribeiro, para a pasta da guerra, no ministerio que formou em 1893.

Pimentel Pinto geriu esta pasta até 1896 e nestes tres anos realiso importantes reformas a que acima se aludiu. Foi durante esta sua gerencia que organisou a celebre expedição militar, do comando do coronel Galhardo, contra o potentado do Gungunhana, expedição que não só se tornou celebre pelas grandes vitorias que alcançou para as armas portuguezas, como tambem pela prontidão com que foi organizada, mercê da disciplina em que se encontrava o exercito e da energia do ministro da guerra.

Nunca até então se mobilisara, em tão pouco tempo, uma expedição relativamente numerosa e para longinquas paragens.

Elevado a par do reino, ao deixar a sua pasta de ministro, voltou, em 1900, a novamente ocupar a mesma pasta, no ministerio que então organisou Hintze Ribeiro, e, depois, em 1903, em que realiso mais reformas importantes, como as do armamento de infantaria e artilharia de campanha, as da fortificação do porto de Lisboa, a do Arsenal do Exercito habilitando-o a fabricar todo o municamento e fabrico de artilharia de campanha, etc.

Durante a sua gerencia realizaram-se grandes manobras militares do outono, de 1901 e 1903, nas serras de Cintra e do Bussaco.

Ainda, em 1906, voltou a ministro da guerra, no ultimo ministerio presidido por Hintze Ribeiro, e que pouco durou, para ceder o logar á situação franquista.

Como recompensa de seus serviços o illustre extinto possuia a gran-cruz de S. Bento e de grande officialato da mesma ordem; cavaleiro de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e as gran-cruzes da Aguia Vermelha, da Alemanha, de S. Mauricio e de S. Lazaro, de Italia, do Merito Militar, de Espanha e de Sant'Ana, da Russia.



GENERAL PIMENTEL PINTO

O sr. Pimentel Pinto faleceu com 70 anos de idade, dos quaes cincoenta dedicados ao serviço da patria.

PUBLICAÇÕES

Liga Naval Portugueza — *Boletim Maritimo*, publicado pelo Conselho Geral. Série X, n.º 4, Abril de 1913. Tipografia A Editora, Lisboa. O sumario é o seguinte: *O Canal de Panamá — A marinha mercante — Societé de Oeuvres de Mer — Livros oferecidos á Liga Naval — Regimen cerealifero — Secção official.*

O MEZ METEOROLOGICO

Abril de 1913

Barometro — Max. altura 771^{mm}.4 em 1.
 » Min. altura 753^{mm}.7 em 4.
Termometro — Max. altura 21.º.4 em 14.
 » Min. altura 7.º.1 em 13.
 E' a maxima mais fraca observada desde 1894.
 N'esse anno, a maxima não excede 18.º.0.
Chuva — 23^{mm}.5 em 12 dias.
Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 3 dias.
 » Ceu nublado 23 dias.
 » Ceu encoberto 4 dias.
Humidade relativa — Extremos, 98º e 33º.
Horas de sol — 202 horas e 19 minutos.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescência de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gaz
e esgotos

INSTALAÇÕES ELECTRICAS

FOGÕES
a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL



TUBOS
de chumbo e de borracha

LOUÇA
de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS
E LAVATORIOS

Esquentadores
a gaz
e a gazolina

Variado sortimento
de
candieiros de gaz
e suspensões

Agua da Fonte Salus

VIDAGO

E' a mais rica em mineralisação d'entre todas as aguas alcalinas da Europa. Avanta-se a todas pelos bicarbonatos de potassio, de sodio e de lithio. E' o que acaba de ser confirmado n'uma notavel comunicação feita á Sociedade de Quimica Portugueza, publicada na «Revista de Quimica» n.º 98, de fevereiro ultimo — pag. 40 a 43 — pelo sabio professor de Quimica da Universidade de Lisboa, sr. Achiles Machado, sobre a resistencia electrica especifica das aguas alcalinas de Portugal, Hespanha e França, em que afirma que a proporção de bicarbonatos alcalinos da Salus é superior á de Vidago n.º 1 (de caudal insignificantisimo) e até á mais mineralizada de Vichy — fonte Célestins.
 A Salus, de caudal muito abundante e permanente, é extremamente gazosa, conservando-se engarrafada melhor que nenhuma outra.
 Efficacia reconhecida nas doencas do estomago, do figado, dos intestinos, dos rins, doencas dos paizes quentes, diabete, gota, artritismo, etc.
 Indicar sempre nos pedidos Fonte Salus. Não se querem confusões com as outras aguas de Vidago.

Deposito Geral em Lisboa

PHARMACIA E DROGARIA PENINSULAR

39, RUA AUGUSTA, 45

J. P. BASTOS & C.ª

Deposito no Porto

246, RUA ALEXANDRE HERCULANO, 246

Endereço telegraphico: PENINSULAR-LISBOA — PENINSULAR-VIDAGO

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis